

O ENSINO DA LITERATURA NO NÍVEL MÉDIO: METODOLOGIAS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO ÂMBITO LITERÁRIO E CINEMATOGRAFICO

Ednalva Soares dos Santos¹

RESUMO: O presente trabalho visa ao longo de seus conteúdos promover uma análise da obra o auto da compadecida, tanto no âmbito literário como cinematográfico. O mesmo expressa como o sertão e a vida do nordestino é apresentado como base ao longo da obra, assim como as principais diferenças entre o livro e o filme. No que se refere ao objetivo geral da pesquisa analisar o auto da compadecida na visão literária e do cinema, quanto aos objetivos específicos, esses são: apresentar as principais características do Nordeste; ressaltar a vida dos autores Ariano Suassuna; avaliar as principais adaptações realizadas junto ao auto da compadecida quanto a literatura e ao cinema. No campo metodológico, realizou-se uma revisão de literatura, abordando sobre os principais conceitos e análises de autores renomados no processo de desenvolvimento do filme, alinhando o campo literário com as imagens ou adaptações realizadas para o ambiente cinematográfico.

Palavras-Chave: Literatura. Literatura Brasileira. Educação Ensino Médio.

ABSTRACT: The present work aims, throughout its contents, to promote an analysis of the work auto da compadecida, both in the literary and cinematographic spheres. It expresses how the backlands and the life of the northeastern people are presented as a basis throughout the work, as well as the main differences between the book and the film. Regarding the general objective of the research to analyze the auto da compadecida in the literary and cinematic vision, as for the specific objectives, these are: to present the main characteristics of the Northeast; highlight the lives of authors Ariano Suassuna; evaluate the main adaptations made to the compadecida record in literature and cinema. In the methodological field, a literature review was carried out, covering the main concepts and analyzes of renowned authors in the film development process, aligning the literary field with the images or adaptations made for the cinematographic environment.

Keywords: Literature. Brazilian literature. Education High School

¹Instituição de vínculo: Universidade Del Sol (UNADES). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9947174984398653>.

I INTRODUÇÃO

O presente estudo visa ao longo de seus conteúdos abordar sobre o processo de ensino da literatura no ensino médio, no qual remete-se a junção de obra literária e cinema, ressaltando alguns pontos importantes na transformação de obras literárias em filmes. O objetivo geral desta pesquisa, remete-se ao uso literário do Auto da Compadecida inserida no ensino dentro da visão literária, tendo os objetivos específicos em apresentar as principais características do nordeste; ressaltar a vida dos autores Suassuna Arraes; avaliar as principais adaptações realizadas junto a obra literária quanto ao cinema inserida no ensino e no despertar do interesse para o Ensino Médio.

No processo metodológico realizou-se uma revisão de literatura, promovendo uma compreensão dos principais conceitos e análises de autores renomados sobre o processo de adaptação de uma obra literária para o cinema.

De acordo com Paiva (2015), a obra Auto da Compadecida consiste em uma das principais obras e adaptações cinematográficas brasileira por promover um alinhamento entre o humor nordestino e questões culturais da região, algo que sempre chamou muito atenção na sociedade. Esses aspectos são considerados como de maior impacto quanto a aceitação do filme pelos telespectadores.

"O Auto da Compadecida", obra do renomado escritor brasileiro Ariano Suassuna, é um filme que encanta e desafia a imaginação dos espectadores, mergulhando-os em um cenário repleto de humor, crítica social e elementos da cultura nordestina. Baseado na peça teatral homônima do autor, o filme oferece uma visão única e cativante da vida no sertão brasileiro, repleta de personagens peculiares e situações absurdas.

Sob a direção de Guel Arraes, a trama se desenrola com maestria, apresentando as aventuras de João Grilo e Chicó, dois anti-heróis espertos e carismáticos que enfrentam desafios sobrenaturais e o autoritarismo local. Ao longo da história, somos convidados a refletir sobre questões sociais, éticas e morais, além de nos divertirmos com o humor afiado que permeia o enredo.

"O Auto da Compadecida" é uma obra-prima que combina elementos literários e cinematográficos de maneira brilhante, tornando-se uma referência na cultura

brasileira. Neste contexto, sua análise crítica e apreciação se tornam valiosas ferramentas de aprendizado para os estudantes do ensino médio, oferecendo uma oportunidade única de explorar a riqueza da literatura e do cinema nacionais.

2 SERTÃO

O litoral semiárido brasileiro é caracterizado por um clima semiárido quente e é uma das áreas mais densamente povoadas do mundo. A área tem exploração significativa de recursos, altos níveis de desigualdade social e é uma das regiões menos conhecidas nos trópicos (DIAS, 2012).

A seção “Costa semiárida brasileira” apresenta a caracterização da costa semiárida brasileira e a seção “Principais mudanças ambientais na costa semiárida brasileira” apresenta os principais impactos em curso relacionados às mudanças ambientais. Após cada conjunto de impactos, é identificada a principal questão científica para o avanço da pesquisa de longo prazo no contexto da Década das Nações Unidas (ONU) da Ciência do Oceano para o Desenvolvimento Sustentável (2021–2030) (CORREIA DE ANDRADE, 2019).

Usar as questões como uma agenda para pesquisas futuras aumentará substancialmente a compreensão dessas áreas e áreas semiáridas semelhantes em todo o mundo. Esse conhecimento atualizado fornecerá relevância prática para apoiar políticas públicas baseadas na ciência.

A costa semiárida brasileira está localizada no Atlântico Sul equatorial. É uma área macro geomorfológica na costa nordeste do Brasil entre Ponta dos Mangues Secos no estado do Maranhão (limite oeste) e Cabo do Calcanhar no estado do Rio Grande do Norte (limite leste), que é o único trecho da costa brasileira sob a crescente e influência direta do clima semiárido quente.

Esta costa seca faz fronteira com o domínio fitogeográfico da Caatinga semiárida, ou seja, o ecossistema brasileiro mais seco que é coberto principalmente por florestas decíduas, e as savanas sazonais do Cerrado domínio. Devido à influência climática da Caatinga muito seca e do Cerrado sazonal, essa região litorânea difere do restante da zona litorânea brasileira. Enquanto a maior parte da costa brasileira abriga principalmente florestas úmidas no domínio da Mata Atlântica ou extensos sistemas

de manguezais na Amazônia, a costa semiárida contém florestas semidecíduas, savanas, campos e sistemas de manguezais menores associados aos estuários de águas rasas.

O clima nesta região é em grande parte impulsionado pela posição da Zona de Convergência Intertropical (ZCIT). A temperatura da superfície do mar é elevada e apresenta baixa variação intra e interanual (26–30 °C) (DIAS, 2012). Variações sazonais, interanuais, décadas e multidecadais na posição da ZCIT causam mudanças significativas no regime de chuvas (variação interanual e interanual), resultando em semiaridez quente.

A região tem uma estação chuvosa entre o outono e o inverno austral (março a junho), quando a ZCIT atinge sua posição mais ao sul. De fato, uma grande parte (70%) da precipitação prevista para um ano pode cair em apenas um único mês (por exemplo, maio ou junho). No entanto, uma redução anual total da precipitação foi observada nas últimas três décadas, e a área é agora considerada uma das mais vulneráveis às mudanças climáticas na América do Sul devido ao aumento da frequência de secas.

Devido à falta de alto escoamento fluvial (em contraste com a região amazônica vizinha), a costa semiárida brasileira é afetada por baixos processos sedimentares, e grande parte da costa está atualmente enfrentando erosão. A maior parte do litoral é coberta por camadas sedimentares depositadas durante os períodos Neógeno e Quaternário (CORDEIRO, 2014).

A ação combinada de swells, baixo escoamento fluvial, um regime mesotidal e aumento da velocidade do vento corrói esses depósitos de sedimentos, resultando em intensa deriva litorânea e complexas trocas de sedimentos entre a costa e o continente. Esses fatores resultam em um conjunto único de características oceanográficas, ecológicas, geográficas e geomorfológicas.

3 LITERATURA

Por motivos de exposição, essas orientações são apresentadas separadamente das da arte. No entanto, é importante ter em mente que a literatura faz parte das artes: especificamente, é a arte que usa palavras para explorar outros significados que

transcender o uso convencional da linguagem e expressar emoções humanas por meio de símbolos (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2015).

Assim como o compositor musical arranja sons no tempo e no espaço a partir de uma partitura ou a dançarina ensaia uma coreografia com seu corpo e movimentos, o autor da literatura trabalha com palavras. Em todos esses casos, embora os materiais mudem, você pode ver que a essência da arte é essa necessidade de ensaiar uma ordem diferente daquela imposta pelas demandas utilitárias da vida: a ordem simbólica que se distancia da lógica convencional para criar metáforas que apelam à sensibilidade das pessoas e que as desafiam a construir suas próprias interpretações (OLIVEIRA, 2015).

Está se tornando cada vez mais claro que as fronteiras entre as artes são móveis, especialmente na primeira infância, à medida que essas crianças se expressam com múltiplas expressões idiomáticas. Conforme reiterado nas diretrizes pedagógicas da arte, é importante manter as fronteiras das artes abertas e favorecer os trânsitos naturais entre uma e outra como nos mostra sabiamente a tradição oral das várias regiões do país, onde se encontram música, coreografia e letra (ZILBERMAN, 2017).

Também é visto nas manifestações artísticas contemporâneas, por exemplo, em instalações, em álbuns ou no cinema, em que são incentivados os diálogos criativos entre imagens, ideias e palavras. No entanto, é igualmente importante privilegiar espaços específicos para a exploração, apreciação e vivência das artes por separados, a fim de apoiar a descoberta da essência de cada linguagem artística na educação infantil (OLIVEIRA, 2015).

Essa especificidade é fundamental no campo literário porque a importância da linguagem verbal no desenvolvimento infantil e a necessidade de oferecer experiências literárias, como alternativas para a nutrição linguística. Como já foi dito, a literatura da primeira infância inclui criações em que a arte de brincar e representar a experiência por meio da linguagem e não se restringe exclusivamente à linguagem escrita, pois envolve todas as construções da linguagem - oral, escrita, pictórica - que se refletem, às vezes em livros e outras vezes em tradição oral (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2015).

A riqueza do repertório pode ser canções de ninar, rounds, canções, dísticos, histórias corporais, jogos de palavras, histórias, contos e lendas que fazem parte do

patrimônio cultural e que vão conjugar com a literatura infantil tradicional e contemporânea para constituir um patrimônio variado e polifônico, no qual outras formas de estruturação da língua e na qual é possível participar, desde a infância, da interculturalidade e do diálogo de saberes para construir, nesse diálogo, a própria identidade (ABRAMOVICH, 2015).

Embora a experiência literária seja essencial para a construção da linguagem escrita, é importante esclarecer que a leitura, na formação inicial, é entendida no sentido amplo de decifração vital, de possibilidades interpretativas e de exploração dos mundos simbólicos, o que não implica ensinar letras descontextualizadas, tornando plana ou alfabetizada prematuramente (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2015).

Além de um conjunto de habilidades sequenciais e escalonadas, a literatura implica familiarizar-se com a cultura oral e escrita, explorando suas convenções e seu valor conotativo, expressando-se por meio de gestos, desenhos, linhas e rabiscos, interpretando e construir significados, inventar histórias e jogos de palavras e desfrutar de livros informativos, bem como narrativa e poesia - oral e escrita - mas, acima de tudo envolve experimentar as conexões da leitura com a vida (OSWALD, 2017).

Por consequência, não há necessidade de pensar em etapas, prazos ou livros drasticamente separados que atendem apenas a uma idade: assim como não há um dia ou mês padrão no conforme aprendem a balbuciar ou falar, também não há pressão para ensine-os a ler, em sentido alfabético, na educação infantil inicial (ZILBERMAN, 2017).

Isso não significa, no entanto, não saber as ações iniciais que são utilizadas para captar suas histórias, as descobertas sobre a linguagem escrita que fazem, seus questionamentos incessantes - o que diz aqui? -, as graduais diferenças que descobrem entre escrever e desenhar, e sua vontade de ler, de folheando, ouvindo histórias, inventando-as, interpretando-as e escrevendo-as à sua maneira, com seus códigos inventados, sem pressão adulta (ABRAMOVICH, 2015).

Compreenda esses ritmos particulares, acompanhe essas descobertas e essa familiaridade progressiva com a língua, estimule as escolhas personagens que ajudam os adultos a lê-los e, acima de tudo, a gerar desejo e prazer versus ler e escrever,

respeitando as particularidades e as múltiplas formas na expressão da infância, são as tarefas da educação infantil (ABRAMOVICH, 2015).

Nesse sentido, experiências literárias constituem um grande reservatório de conhecimento e emoções que, embora facilitem o processo de construção da linguagem escrita, não se restringem a, prepare-se, para ler em ordem alfabética, mas para operar com símbolos. A leitura na educação infantil é, antes de tudo, um acompanhamento emocional, uma demonstração das possibilidades simbólicas dos livros e um estímulo à curiosidade e o vínculo afetivo (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2015).

4 O AUTO DA COMPADECIDA NA LITERATURA E NO ENSINO

Auto da Compadecida é uma obra-prima de 1955 de Ariano Suassuna. Dividida em três atos, a peça estreou em 1956 no Teatro Santa Isabel, em Recife, Pernambuco. Uma das primeiras produções teatrais com forte tradição popular (GOMES, 2015). Baseado na obra de Ariano Suassuna, o filme conta as aventuras do pobre e mentiroso sertanejo João Grilo e do mais covarde de todos, Chicó. Eles ganham a vida de trapaça no pequeno povoado de Taperoá, na Paraíba. Apenas uma aparição da Virgem pode salvar a dupla (FUKS, 2018).

A importância de compreender a forma como o Nordeste é retratado no filme em questão pressupõe que afirmações que começam a se estabelecer no imaginário do espectador como verdades absolutas possam ser recriadas e divulgadas por meio de audiovisuais. As representações cimentadas na performance e nas roupas de um personagem muitas vezes reforçam um estereótipo sobre uma pessoa. Influenciando dessa forma o público pode ter falsas percepções sobre a pessoa (ALVES, 2022).

A roupa é mais do que uma peça de roupa, tem uma responsabilidade, uma mensagem implícita ou explícita sobre a perspectiva global da história a contar, com uma responsabilidade específica no contexto de estar em público. É um elemento importante da narrativa porque a linguagem é produzida por meio de aspectos como cor, textura, forma, tempo, classe social, estilo, religião, clima e psicologia que transmitem ao público a base do enredo e os laços entre os personagens (OLIVEIRA, 2018).

Quando falamos em direção de arte, nos referimos ao conceito de ambiente plástico do filme, entendendo que este é constituído pelas características formais dos espaços e objetos, bem como pelas características dos personagens em cena. Com base no roteiro, o diretor de arte seleciona edifícios e outros elementos de cena, esboça e dirige cenários, figurinos, maquiagem e trabalho de efeitos especiais. Assim, trabalha com o diretor e o diretor de fotografia para criar uma atmosfera específica em cada momento do filme, dando a impressão de um significado visual para além da narrativa (Hamburg, 2014, p. 18).

Seja no programa ou na narrativa audiovisual, o vestuário é muito importante para a representação dos personagens, é um elemento de impacto visual instantâneo, representando e expressando a relação estrutural dos personagens. Um conceito cinematográfico derivado do roteiro norteará o estudo do figurino, onde são conhecidos o cenário, o gênero dramático e os personagens nos quais a história se passa. Cada tipo tem um conceito de personagem, e as características de suas roupas também são diferentes. Por exemplo, as princesas não são representadas da mesma forma em um drama ou comédia. Um tratamento coerente da linguagem visual colabora para que as vestimentas reforcem o discurso dramático da obra (OLIVEIRA, 2018).

A cor transmite sentimentos, traz informações, complementa a visão e atua como uma poderosa ferramenta de narrativa. Os cineastas sabem disso e utilizam-no como elemento de construção de sentido, relacionando-se com o contexto histórico, social e cultural em que o filme foi feito ajuda a entendê-lo. Com relação à construção dos personagens, Hamburger (2014, p. 47) acrescenta que “o uso da cor e da textura também ajuda a definir seu papel na estrutura da peça e do jogo estabelecido com outros personagens”.

A obra-prima do escritor brasileiro Ariano Suassuna foi escrita em 1955 e estreou no Teatro Santa Isabel em 1956. *Auto da Compadecida* é uma peça em três atos ambientada no sertão nordestino. A produção é uma das primeiras produções teatrais a dar continuidade à tradição popular (FUKS, 2018).

A famosa história, caracterizada pelo forte senso de humor, ganhou maior audiência em 1999, quando foi adaptada para um programa de TV (uma minissérie da TV Globo) e um longa-metragem no ano seguinte. As aventuras de João Grilo e Chicó

fazem parte do imaginário coletivo brasileiro, retratando fielmente o cotidiano daqueles que lutam pela sobrevivência em ambientes hostis (FUKS, 2018).

A linguagem quase lúdica, marcada pela espontaneidade, é uma das marcas da prosa do escritor, agregando elegância ao drama. Outro aspecto que contribui para esse problema é a construção dos personagens, que muitas vezes são caricaturados para trazer mais comédia à trama (FUKS, 2018).

Auto da Compadecida é uma obra marcada por uma linguagem de cunho regional, ou seja, uma forma de oralidade para expressar o regionalismo do Nordeste. Aspectos do Nordeste buscam a autenticidade da região, desde a linguagem até o uso de objetos típicos, trajes e até paisagens sertanejas, elementos que imergem o espectador na narrativa (SUASSUNA, 2022).

De forma descontraída e bem-humorada, a obra mostra cenas do drama vivido pelos nordestinos na seca, na fome e na luta contra a pobreza. Oprimidos que encontram na esperteza e na criminalidade do sertão sua forma de sobrevivência. A peça é considerada um desdobramento do modernismo, também conhecido como 45ª Geração, devido à discussão da moralidade incluindo religião e temas mundiais adaptados à realidade Tohoku, e foi escrita pelo escritor Ariano Suassana. A peça tem um aspecto literário de cordel com fortes características nordestinas, próximas ao barroco católico brasileiro (SUASSUNA, 2022).

As definições de cultura são variadas e moldadas de acordo com o olhar aguçado do pesquisador e as observações da realidade em estudo, seja uma sociedade particular como uma tribo, nação, região ou organização, que tem suporte imediato e imediato. determinada organização afeta indiretamente a maneira como os envolvidos nela se comportam. Nesse sentido, o estudo das culturas brasileira e nacional se desenvolveu ao longo do tempo na tentativa de compreender melhor essa heterogeneidade e especificidade (GOMES, 2015).

"Estamos acostumados a falar da cultura brasileira no singular assim, como se existisse uma unidade que unisse todas as manifestações materiais e espirituais do povo brasileiro". No entanto, essa ideia de singularidade e singularidade pode ser perigosa ao observar a especificidade dessas diferentes regiões e lugares, que possuem costumes, povos, tradições e valores próprios, que são acalentados pelas pessoas que

ali vivem, compartilhados, ou formados percepções particulares da cultura naquele contexto (GOMES, 2015).

Do ponto de vista internacional, os estudos comparativos na perspectiva da aculturação têm apresentado muitos estudos que enfatizam diferenças entre regiões ou países, porém, não analisam contextos subnacionais, assumem que os países estão relacionados à cultura, ou seja, não consideram a possibilidade de diversidade cultural regional nesses países (GOMES, 2015).

Nesse sentido, um país "continental" como o Brasil é "inexplorado" quando a questão é a cultura regional, pois a multiculturalidade encontrada no país permite a análise de contextos múltiplos, não lineares, mas sem dúvida, em muitas formas, pois “alguns autores defendem que os estudos organizacionais não podem permitir a homogeneidade cultural simplesmente por se tratar de um país, ignorando a possibilidade de culturas locais” (GOMES, 2015).

Desse ponto de vista, não há a lógica de uma cultura única, como as fotos estáticas, mas as trocas de várias culturas, entrelaçadas em ondas de fluxo, irradiando de vários lugares, e ao mesmo tempo a origem e o destino dessas culturas, incluindo lugares virtuais (GOMES, 2015).

Desse ponto de vista, alguns traços da cultura brasileira são mais evidentes do que outros, como o formalismo, que é a diferença entre o que a lei diz e o que ela faz, e essa diferença não implica em punição para os infratores, considerados o principal raciocinar à brasileira; paternalismo como característica cultural que expressa a concentração de poder e o individualismo entre os indivíduos, manifestado principalmente no patriarcado, ou seja, a influência das relações interpessoais e da confiança na nomeação de cargos; sistema hereditário, "no simples e sintético abordagem é definida como uma confusão entre público e privado"; dependencyism, que é “fundado em uma série de redes individualistas que se estendem a partidos, burocracias e cliques” (SOBRA e PECI, 2013).

São traços culturais específicos que não necessariamente são exclusivos do Brasil, tornando a cultura nacional vaga e heterogênea. Esta "ambiguidade favorece caminhos alternativos, que passam pela criatividade e inovação, mas também pela descoberta e cultivo de 'padrinhos', a atração pelas relações sociais informais como

forma de garantia, utilizando o 'jeitinho' que emerge da lei do plano". Nesta terra de contrastes chamada Brasil, o chamado jeitinho brasileiro tornou-se um traço distintivo, e pretendemos dizer um pouco mais sobre este ponto, dadas suas nuances e especificidades (GOMES, 2015).

A romantização cômica do filme “Irmãos e Irmãs” traz características fortes e distintas do sertão nordestino, que encarna plenamente a relação regional em que o coronarismo, as crenças religiosas, especialmente o catolicismo e a cultura pop são os pilares da sociedade em um período específico (GOMES, 2015).

Aliás, a capacidade de improvisação de João Grilo - um habilidoso mentiroso - viria mais tarde (pelo menos por algum tempo) a sofrer consequências pelas suas mentiras que acompanham toda a história do filme, desde a exibição do filme "Paixão de Cristo" até ao Começo - o filme mais preso do mundo", mas não saiu como planejado. No entanto, o jovem sertanejo sempre dava um jeito de resolver o problema, quando "batia" decisões que, se levadas em conta, realizar a ação pretendida pelo solicitante, valorizando assim o dano pessoal de forma geral” (GOMES, 2015).

Por fim, no plano geral de “O Juízo Final”, as técnicas de persuasão e mediação (negociação) surgem e são usadas de forma tão intensificada que “salvam” todos no filme, inclusive os mais mentirosos e causadores e confusões de desacordo – João Grilo. Nessa passagem, o jeitinho brasileiro se confunde com a intercessão de Nossa Senhora pelos vulneráveis, de que para tudo há um jeito: "Mãe, se você continuar interferindo assim por todos, o inferno acabará virando um cargo público. Existe, mas não funciona” (GOMES, 2015).

O Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna, uma das peças mais famosas da literatura brasileira, tornou-se ainda mais popular depois de sua adaptação para o cinema, e pelo menos três versões cinematográficas fizeram sucesso de público. A obra gira em torno das aventuras da dupla Chicó e João Grilo, que lançam mão de inúmeras artimanhas em benefício próprio. Seguindo a linha do vagabundo, Suasuna criou uma peça que combina o sagrado e o profano para mostrar diferentes aspectos dos costumes nordestinos ao questionar as relações humanas e os vícios existentes entre as pessoas (NEVES, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre literatura e cinema tem se tornado cada vez mais estreita, e algumas obras ganharam espaço por meio de adaptações cinematográficas. O *Auto da Compadecida* foi lançado como livro em 1955 e como filme em 1999. É normal que cada livro se "transforme" em filme com as modificações necessárias para uma adaptação.

O que se observa no filme é que algumas cenas possuem uma linha do tempo diferente do original, ou seja, algumas cenas não são inseridas nas mesmas lições do livro. No caso, são duas histórias, uma sobre Chicó e outra sobre um gato que puxa dinheiro. Embora os meandros de alguns eventos tenham sido alterados, o diretor seguiu à risca o texto original e não alterou as falas dos personagens. Portanto, há muitas semelhanças entre o filme e o livro.

Em um livro, o narrador é um personagem muito importante que anuncia ao público o que vai acontecer e faz comentários sobre o que está acontecendo em determinadas passagens. No filme, o narrador ainda é um personagem importante, mas não tão atuante quanto no original, ele não precisa mostrar ao público a cena ou fornecer detalhes da cena, pois a adaptação contém visão pictórica.

Com base no estudo da literatura comparada, enfatizando a intersecção da literatura com outras formas de expressão cultural, este estudo transcodifica a literatura para o cinema, revelando um estudo comparativo entre a peça *Compadecida*, de Ariano Suassuna, e o filme *O Auto da Compadecida*, de Guel Arraes. No primeiro capítulo, damos uma visão geral dos objetos de estudo, incluindo enredos e personagens em peças de teatro e filmes.

A partir disso, concluímos que o imaginário popular do Nordeste é construído a partir de uma perspectiva de negação, em que a região seria a antítese da modernidade do Sul progressista e capitalista. A imagem do tradicionalismo, atraso e barbárie no Nordeste é fruto dessa relação de poder, consolidada e divulgada pelos mais diversos meios de comunicação.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosura e Bobices**. Edit. Scipione 5^o Ed. São Paulo 2015.

ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Madel. **A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento.** Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2015.

ALVES, Clara Daniella Martins; AGUIAR, Maria Gabriela Salvador; DE ARAUJO, Robson Martins Ferreira. **A “nordestinidade” representada em figurinos do filme O Auto da Compadecida.** 2018

BEZERRA, C. **Do Teatro ao Cinema** – três olhares sobre o Auto da Compadecida. Trabalho apresentado ao NP 07 – Comunicação Audiovisual, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. 2014.

CAPITANI, Camila Alderete. **Articulações entre o ensino-aprendizagem de Argumentação e de Literatura: caminhos retórico-interacionistas a partir do Auto da Compadecida.** 421f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

CORDEIRO, Rosineide L. M. **Além das secas e das chuvas: os usos da nomeação mulher trabalhadora rural no sertão de Pernambuco.** Tese (Doutorado), Pontifícia Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

CORREIA DE ANDRADE, Manuel. **A problemática da seca.** Recife: Liber Gráfica Editora, 2019.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Sertões do rio das Velhas e das Gerais: vida social numa frente de povoamento – 1710-1730.** In: FURTADO, Júnia Ferreira. Erário mineral de Luís Gomes Ferreira. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro; Fundação Oswaldo Cruz, 2012.

FUKS, R. Auto da Compadecida (resumo e análise). 2018. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/auto-da-compadecida/>

GOMES, Danilo Cortez; MORAES, A. F. G.; HELAL, Diogo Henrique. Faces da cultura e do jeitinho brasileiro: uma análise dos filmes o auto da compadecida e saneamento básico. **Holos**, v. 6, p. 502-519, 2015.

HAMBURGER, Vera. **Arte em cena: a direção de arte no cinema brasileiro.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2014.

LIRA, Bertrand. **Cinema noir: a sombra como experiência estética e narrativa.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. 142p.

MANTOVANI, Anna, **Cenografia.** Editora Ática S.A São Paulo, 2019.

MOSTAÇO, Edelcio et al. (org.). **Sobre Performatividade.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2019.

NERES, J. O sagrado e o profano em o auto da compadecida. Disponível em: https://files.comunidades.net/joseneres/auto_da_compadecida_analise.pdf

NOVA, Cristiane. O cinema e o conhecimento da história. *Olho da história*, Salvador, n. 3, p. 217-33, 2017.

OLIVEIRA, Bernardo J. (org.) **História da ciência no cinema** Belo Horizonte: Argumentvm. 2015.

OLIVEIRA, Paula Guimarães de. **A cor como elemento sensorial e de construção narrativa no figurino de O Auto da Compadecida (2000)**. 2018.

OLIVEIRA, Zilma Ramos. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2015.

ORTEGA, Marcia. **Cinema noir: espelho e fotografia**. 2010.

OSWALD, Maria Luiza. **Aprender com a literatura: uma leitura benjaminiana de Lima Barreto**. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2017.

PAIVA, M. L. A direção de arte no audiovisual brasileiro: uma abordagem sobre Subúrbia. Dissertação (Mestrado). Campinas: Universidade de Estadual de Campinas. 2015.

RODRIGUES, Rossendo. **ECOPOÉTICA O performer e a busca por poéticas de sustentabilidade no ambiente urbano**. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) Universidade Federal do Rio Grande do Sul-RS, p. 1-109, 2016.

SIQUEIRA, Denise. **A ciência na televisão: mito, ritual e espetáculo**. São Paulo: Annablume. 2018.

SOUZA, Maria Neuridete Pereira de et al. **O trânsito de masculinidades entre a peça e o filme (O) Auto da Compadecida**. 2016.

SUASSUNA, A. **Auto da Compadecida; Guia Estudo**. Disponível em < <https://www.guiaestudo.com.br/auto-da-compadecida> >.

TREVISAN, Leonardo Fontana; ALVES, Marina Paiva. Uma análise do tribunal do júri através da obra “O auto da Compadecida”. *Anais do CIDIL*, p. 322-341, 2018.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na escola**. 10^a edição – São Paulo: Global, 2017.